

Os homens também se reconstroem

14/2/82

por Carlos Cardoso e Fernando Lima (AIM)

Ao saíam de festas do antigo liceu Salazar — hoje Escola Secundária Josina Machel — iam desaguar cada ano os/as finalistas trajados de «smoking» e vestido comprido. Entre as paredes altas adornadas por cortinas de veludo, preenchiam, líbidos e alcoolicamente, a sua noite de glória adolescente, dançando valsas de Strauss, com os olhos postos no assento universitário ou no emprego chorudo do seu futuro colonial. Daí, saíam os quadros para os aparelhos ideológico e económico do colonialismo.

Talvez por conveniência de espaço, talvez por ironia consciente, foi ali mesmo que se realizou, segunda e terça-feiras, desta semana, um acto que é a antítese desse passado ainda recente. Antítese daquilo que há de mais profundo para o Povo moçambicano: A descolonização mental dos moçambicanos, que participaram na violência colonizadora.

Toda a parte de baixo do salão estava preenchida por comprometidos com o colonial-fascismo ou com grupos fantoches. Pequenos «placards», ao longo da ala central, sectorizavam cada grupo — ANPs, Pides, Comandos, GEPS, OPVDCs.

«O que é aquilo?», perguntou o Presidente Samora Machel apontando para um último «placard» que, um pouco burocraticamente, assinava: «DIVERSOS».

Hama Thal sussurra uma explicação. E o Presidente comenta com algum humor: «Diversos crimes, enfim aqueles ali são a malta». Tratava-se das madrinhas de guerra, Gumos, Flicos, Frecomos, Moconemos, etc.

Ao todo, eram cerca de mil.

Não havia conversas laterais. Convide na mão, as pessoas dirigiam-se aos seus lugares sem trocarem impressões entre si. Não havia canções. Mãos nas mãos, testas levemente franzidas — um turbilhão de pensamentos, corpos tensos — «o que vai ser esta reunião». Mais preocupadamente, «que vai ser de mim».

Palmas acoíhem o Presidente na sala — fortes no calor do gesto. Os vivos foram vigorosos — quentes na sonância das gargantas — mais ditos do que sentidos.

«Comprometidos ou compatriotas?» — pergunta Samora Machel, amenizando a tensão.

«Compatriotas» — responderam de volta mil vozes em unísono.

A medida que o Presidente Samora Machel ia lendo a sua intervenção inicial, tomava corpo um ponto fulcral na filosofia da Frelimo: a reconstrução nacional é acima de tudo a reconstrução do homem moçambicano.

«Não podemos tolerar que uma parte do nosso povo viva marginalizada»

— frisa Samora, transparecendo no tom da sua voz o sentimento de que para a Frelimo é uma desonra existirem moçambicanos, laçaios do exterior.

«Isto não é um confissãoário, isto não é uma comissão de inquérito», diz o Presidente, enfatizando a reintegração do homem: o seu reencontro com a integridade própria, o orgulho do ser.

«Por onde vamos começar?» — o Chefe de Estado moçambicano explica a necessidade de cada um vir expor as razões do seu comprometimento, os percursos diversos do compromisso e da traição.

«Os ANPs eram os ideólogos. Eram eles que concebiam a política que instruíam o aparelho repressivo, a Pide que inspiravam os seus braços, os Comandos, os GEPS, os GE's. Vamos ouvir os ANPs» — diz, em passos largos pelo estrado colocado no topo superior do salão.

O Presidente pede voluntários.

O segundo a falar é Idrisse Juma, um «che» muçulmano. Extremamente evasivo, Juma tenta esconder o seu comprometimento. No ar, a sensação de que se escusa na própria política de clemência preconizada pelo Partido. Idrisse Juma acabaria por dizer que não se preocupava com a vida terrestre desde que o céu lhe reservasse melhor futuro e que só era temente à justiça divina.

Samora Machel interrompeu-o e disse que os membros do Bureau Político, do Comité Central, do Conselho de Ministros e da Assembleia Popular, que o acompanhavam, não tinham deixado a resolução de outros problemas do povo para virem para ali brincar. E advertiu: «Isto é uma reunião política na tradição da Frelimo. Mas, podemos transformá-la numa reunião administrativa».

De um modo geral, cada um recorre ao sentimento, ao piedoso, à hipervalorização do pequeno episódio positivo, o incidente discriminatório, o apolitismo, para justificar uma situação de ANP, pagador de quotas por persuasão compulsiva.

Com assinaláveis e meritórias excepções, a situação manteve-se até ao segundo dia, até ao «caso» Marcos Zicale.

Arauto menor do fascismo nas suas vestes coloniais, o pintor Zicale é atingido por súbita amnésia, perdendo ajuda de memória à plateia, na tentativa de que esta se reconhecesse nele como espelho.

Encenação interrompida, o Presidente ordena a sua detenção e envia para um campo de reeducação no Niassa.

«Temos várias línguas» — tinha admoestado repetidamente o Presidente. Nome triade emprego, uma apresentação: sumária. As vozes sucedem-se junto aos microfones instalados na sala. Depois, a infância, as primeiras letras

na escola, na missão eclesiástica, a procura de trabalho, o contacto com a cidade, um lugar nos degraus baixos do funcionalismo público — itinerários avaros na originalidade, tropeçando aqui e ali, nas esquinas nem sempre fáceis do compromisso, do encolher de ombros menos escrupuloso, do oportunismo, da pequena ambição, do medo, também da tela urdida, da chantagem da prisão.

A ingenuidade e a montagem misturam-se, o vazio e o superficial confundem o objectivo — o discurso percorre ainda os caminhos obtusos na penumbra do espaço, que a aurora livre disputa.

As perguntas do Presidente cortam a cada passo, os relatos — a retenção do pormenor, o aprofundar de uma situação, o relacionamento dos factos, a região, o administrador da região, a missão, o padre da missão, o hospital, o médico colono em comissão de serviço, as convívências, os amigos, a união do particular ao geral, a recreação do universo global no histórico do fenómeno colonial.

As pessoas dão os factos. Mas não a análise. «A sinceridade nem sempre é a realidade» — pontua Samora Machel para explicar que não basta a constatação de que se foi ANP, de que se foi Pide, é necessária a consciência de como lá chegaram, de como para lá foram conduzidos.

Ao longo da reunião há um crescendo de emotividade e envolvimento das pessoas naquele acto, à medida que vão tomando consciência do real significado do momento.

O Presidente regressa do intervalo de almoço no primeiro dia com um semblante simultaneamente carregado e triste. E abre a sessão da tarde, dizendo que se sentia chocado.

«Parece que estou reunido com estrangeiros. Vocês nem cantam».

Em alguns havia a recordação de Francisco Xavier, o único farmacêutico preto na altura da Independência. Quando falou, disse que poderia ter ido para Portugal, que com as suas habilitações poderia ter «arranjado lá» uma boa colocação. Aculturado pelo colonialismo, a sua nacionalidade moçambicana resultava de «uma opção» e não de um sentimento profundo.

Pouco a pouco, as interrupções metodológicas do Presidente para cantar, vão sendo respondidas com crescente ardor. Até que, já no segundo dia, há um momento de grande emoção e mesmo de alguma comoção. Samora Machel começa a assobiar baixinho uma canção da Frelimo, o salão derramando silêncio. Então, o assobio em sussurro colectivo até irromper num coro de mil vozes em cántico arrastado: «Viva a Frelimo / Viva Moçambique Independente / dos 500 anos de sofrimento...».